

## Ele se salvou

Sundar Singh respirou com dificuldade uma rajada de ar congelante e cortante no topo do desfiladeiro. Sua cabeça parecia girar por conta da altitude em que se encontrava: quase 5 mil metros; os pulmões latejavam e os pés descalços haviam ficado completamente dormentes horas atrás. Outro viajante, um tibetano que ele conhecera no dia anterior, caminhava a seu lado, e Sundar estava muito feliz com a companhia dele. Após vários minutos de descanso, os dois homens começaram a descer as grandes alturas das montanhas dos Himalaias. Eles esperavam chegar à pequena aldeia que ficava aninhada de forma precária, à beira de um precipício íngreme no final da trilha, antes que a escuridão os envolvesse por completo.

Os dois homens estavam no meio da trilha quando a velocidade do vento aumentou de repente e o ar se tornou

cortante e frio. Sundar começou a temer que talvez eles não chegassem à vila — ainda estava a vários quilômetros de distância, em especial porque a trilha se estreitara muito, tornando-se uma passagem escorregadia e apertada de cerca de 30 centímetros de largura e caminhar por ela exigia a redução da velocidade. Em viagens anteriores por aquelas montanhas, ele havia encontrado alguns corpos de pessoas congeladas até a morte por conta das mudanças repentinas na temperatura, e ele esperava e orava para que o mesmo destino não os aguardasse.

Sundar tentou não olhar para baixo enquanto seguia pela beirada estreita, mas enquanto os olhos examinavam o caminho rochoso à frente em busca do próximo ponto de apoio, algo bem abaixo chamou sua atenção: havia um objeto marrom caído na neve. À medida que Sundar observava o objeto para descobrir o que era, ele percebeu que era o corpo de um homem. E de repente, de forma surpreendente, um dos braços do corpo se mexeu — o homem estava vivo!

Sundar deu um puxão na jaqueta de pele de seu companheiro de viagem. — Olhe para baixo — ele gritou contra o vento uivante. — Um homem está caído lá embaixo. Precisamos tentar resgatá-lo.

O companheiro de viagem de Sundar balançou a cabeça de forma negativa com vigor: — Se tentarmos resgatar aquele homem, nenhum de nós chegará à vila com vida — ele gritou de volta. — Todos vamos acabar

congelados. Temos que chegar à vila. O homem já está quase morto. Deixe-o à sua sorte.

— Eu não posso — Sundar respondeu. — Por favor me ajude a descer e pegá-lo. São necessárias duas pessoas para conseguirmos resgatá-lo.

De novo, o companheiro de viagem balançou a cabeça em negativa: — Se você valoriza sua vida, venha comigo. — Sem nem olhar para trás, ele se virou e continuou o caminho ao longo da beirada.

Sundar olhou em volta, procurando um caminho até o homem. Quando pensou ter encontrado um, ele se arrastou pela beirada do precipício e, aos poucos, desceu escalando a face da montanha. Ele forçava os dedos entorpecidos a segurarem nas fendas da rocha. Era uma viagem traiçoeira, e Sundar orou durante todo o trajeto para baixo, até, por fim, chegar ao fundo da ravina onde o viajante se encontrava caído.

Ajoelhando-se ao lado do homem, Sundar olhou mais de perto para ele. Seu cabelos e barba estavam completamente congelados e ele mal respirava. No entanto, nenhum de seus ossos parecia estar quebrado.

— Vamos lá, vamos tirar você daqui — disse Sundar, levantando-se e erguendo o homem até colocá-lo nas costas. Ele enrolou seu cobertor em volta dos dois e amarrou-o na frente, formando uma rede para o homem. Então Sundar, de forma lenta e meticulosa, subiu de volta pela encosta da ravina. O peso extra do homem nas costas, fez

os pés dormentes de Sundar sangrar e latejar ainda mais, enquanto batiam contra o gelo irregular e a rocha afiada; contudo, mais um pouco e Sundar alcançou a segurança da beirada do caminho e começou a carregá-lo pela trilha.

Logo, Sundar começou a deixar manchas de sangue vermelho escuro na neve a cada passo que dava, enquanto avançava pela trilha de forma lenta e segura. Ele não se atrevia a parar, mesmo quando começou a nevar mais forte, reduzindo a visibilidade e tornando a trilha ainda mais escorregadia. Parar significaria morte certa para os dois.

Quando a luz do dia começou a desaparecer, Sundar se perguntou se conseguiriam chegar à vila antes do anoitecer, pois, com certeza, seria impossível distinguir a trilha na escuridão. Felizmente, nesse momento, a neve diminuiu e, com mais visibilidade, Sundar conseguiu distinguir um conjunto de casas de pedra a algumas centenas de metros à frente. O alívio o envolveu, até que ele deu mais alguns passos à frente. Ali, ao lado da trilha, estava o corpo congelado de seu companheiro de viagem. Os olhos do homem estavam abertos e suas mãos estavam congeladas em seu rosto.

Como ele não podia fazer nada pelo homem, dadas as condições em que se encontrava, Sundar seguiu em frente. Logo, ele e o homem que carregava às costas estavam em segurança dentro de uma das pequenas cabanas redondas, sentados em frente a uma fogueira de estrume

de iaque.<sup>1</sup> Enquanto Sundar tomava uma xícara de chá quente, percebeu que também poderia ter morrido de frio. O homem que ele estivera carregando às costas o salvou desse destino. O contato dos dois corpos havia produzido calor suficiente para afastar o frio mortal e manter os dois homens aquecidos. Ao arriscar a vida para resgatar o viajante caído, Sundar inconscientemente se salvou.

Enquanto ele adormecia em frente ao fogo, Sundar imaginou algumas das dificuldades que o aguardavam no Tibete. A provação do dia não seria o último acontecimento com risco de vida na viagem missionária; disso ele tinha certeza. Além disso, estava certo de mais uma coisa: desde sua infância na aldeia sique<sup>2</sup> de Rampur, na planície de Punjabe, no norte da Índia, a mão de Deus estivera sobre ele.

---

<sup>1</sup> O iaque é um bovídeo herbívoro de pelagem longa encontrado na região dos Himalaias, e no planalto do Tibete. Além de uma grande população doméstica, há uma população pequena e vulnerável de iaques selvagens. [N. da T.]

<sup>2</sup> O siquismo é uma religião monoteísta fundada no final do século XV em Punjabe (região entre o Paquistão e a Índia) pelo guru Nanak (1469-1539). É por vezes retratado como o resultado de um sincretismo entre elementos do hinduísmo, islamismo e sufismo. [N. da T.]